

UFPB

Departamento de ciências sociais (DCS)

Centro de ciências humanas, letras e artes (CCHLA)

Formação cidadã em tempos de pandemia: Uma análise da formação cidadã em uma escola técnica integral em João Pessoa- PB.

Carlos Gabriel Soares da Silva

João Pessoa

2022

Introdução:

No presente trabalho, exponho a trajetória percorrida ao longo de nossa formação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no qual ingressamos no final de 2020 e cá estamos, prestes ao encerramento no início de 2022.

Uma formação que certamente aconteceu de maneira atípica, tendo em vista a surpresa da pandemia que nos atingiu no ano de 2020. Apesar dos percalços, um longo caminho traçamos, experiências e trocas vivenciamos e certamente não se sai o mesmo depois de tal passagem.

No decorrer do Programa, o desenvolvimento do projeto, creio eu, que tenha sido um dos maiores desafios enfrentados, não só seu desenvolvimento, mas principalmente sua aplicação, tendo em vista o cenário em que nos encontrávamos. A nossa escola de atuação, e todas as outras da rede pública e estadual de ensino, estavam se encontrando, se adaptando e descobrindo as possibilidades que poderiam ajudar a dar continuidade ao período letivo. E nós, que chegamos e fomos tentando nos encaixar no cronograma e nas atividades da escola, buscamos todas as ferramentas possíveis para pôr em prática nossa formação e nosso contato com a escola e com os(as) estudantes.

Entrando em contato com alguns textos da área da Sociologia da juventude, aliado a algumas disciplinas dessa área pagas no curso no decorrer do Programa, me forneceram um material teórico que foi fundamental para me encontrar em alguma área de atuação junto à escola, impulsionou o desenvolvimento do meu projeto, também por serem textos que dialogavam com a experiência escolar das escolas técnicas integrais, a política escolar vigente abria espaço para uma discussão rica e também para uma observação mais próxima daquela nova experiência, não só de formação cidadã, mas de formação cidadã no contexto remoto, provocado pela pandemia, logo quando vi a tentativa da escola em se adaptar ao novo contexto e dar continuidade a formação dos(das) estudantes, vi um campo aberto para observação.

Em contato com algumas bibliografias, pude me inserir melhor no assunto do que seria e como se dava a formação cidadã, acompanhar o trabalho escolar no dia dia e, ao mesmo tempo, ter contato com textos que debatiam a questão, me trouxe uma nova forma de enxergar o modelo da escola cidadã. Zitkosk e Hammes (2014) trazem em seu texto considerações importantes e um apanhado rico da criação e desenvolvimento das escolas

cidadãs, relatando experiências de formação e a dificuldade existente nas escolas para fornecer tal ensino com competência, mas também, como “A escola cidadã é uma alternativa ao modelo de escola burocrática que ainda se impõe de forma Hegemônica” Zitkosk; Hames; pag 124; (2014), e pude enxergar por outro prisma a formação cidadã oferecida pelo Daura, e como dialoga com as necessidades expressadas no texto citado de uma educação dialógica e com uma gestão democrática das escolas, que se comunique com as experiências de vida dos estudantes.

Em “Escola e participação juvenil: É possível esse diálogo?” Dayrell, Gomes e Leão,(2010) expõem a relação de jovens na região metropolitana de Belo Horizonte com espaços de participação social, e apontam para uma maior participação destes jovens em ações desenvolvidas em seus bairros, o imediatismo dos resultados de ações deste tipo e a flexibilidade que o trabalho voluntário proporciona, são apontados pelos autores como um dos possíveis motivos para o maior índice de participação. Por esse prisma, os espaços e atividades oferecidas no Daura se tornam um ambiente rico para trabalhar tais questões, tendo em vista as comunidades ao redor da escola, de onde a maioria dos(as) estudantes são oriundos.

A seguir, o trabalho expõe uma análise acerca desta experiência de formação cidadã, analisando a partir de um estudo de caso, com observação participante junto às aulas, reuniões e demais atividades realizadas pela escola, também com entrevistas semi-estruturadas junto aos(as) estudantes, docentes e gestores da escola, a transição da formação nas escolas cidadãs integrais quando sai do modelo presencial e tenta se adaptar ao modelo remoto em meados de 2020, buscando as ferramentas digitais disponíveis e tentando dar continuidade a formação dos estudantes, que por outro lado enfrentam suas dificuldades pessoais na busca por tentar se manter nos estudos, tendo em vista as limitações de acesso e de permanência no modelo de ensino remoto.

Os primeiros contatos.

Logo que iniciamos o Programa, os primeiros desafios já começaram a surgir, tendo em vista os desafios já existentes na formação docente, isso se juntou ainda ao contexto pandêmico que vivenciamos, com mudanças significativas no modo de trabalhar com ensino.

No início do ano de 2020 a pandemia provocada pela covid-19 trouxe consigo mudanças significativas em todos os setores da sociedade, a educação foi mais um deles. Com a perda

do fator presencial, as escolas precisaram se adaptar às mudanças para dar continuidade a formação dos(das) estudantes, portanto nós do PIBID que pretendíamos estabelecer relações e desenvolver ações junto à escola de maneira presencial, precisamos também nos adaptar e adotar estratégias junto à instituição, como meio de pôr em prática nossas atividades.

Sendo assim, logo de início, mais ou menos outubro de 2020, recorremos às redes sociais como meio de estabelecer nossos primeiros contatos com a escola e os(as) estudantes. Nossa preceptora, professora de sociologia que já está há bastante tempo na escola, foi nos guiando e dando dicas de por onde poderíamos começar. Foi quando nos foi informado as atividades desenvolvidas pela escola através do Instagram, onde além da conta vinculada a própria escola, também existia o projeto "nas ondas do Daura", uma rádio-web organizada pelas(os) próprias(os) estudantes da ECIT e que circulava notícias referentes a escolas, aos estudantes e a diversos assuntos.

Foi então quando vimos uma boa oportunidade, tendo em vista que a escola era bem ativa nas redes, pensamos na criação de um perfil que ajudaria a estabelecer esses primeiros contatos junto a escola. Aproveitamos o período que se aproximava da aplicação do ENEM, e resolvemos criar o perfil "@sociologizando.Daura" onde elaboramos postagens relacionadas a temas de sociologia que já haviam sido abordados em questões do Enem, o perfil então serviu como um material de suporte com conteúdos rápidos e interativos dialogando com temas abordados no Enem.

A partir daí ocorreu então nosso primeiro contato, recebemos o feedback através das ferramentas oferecidas pela própria plataforma, estudantes e funcionários começaram a seguir e interagir no perfil e isso se deu até o início do período letivo no ano seguinte, a partir do começo de 2021 iniciamos nosso período de inserção e entramos em contato com o cotidiano escolar do Daura.

Período de inserção: conhecendo o cotidiano escolar.

No início do período letivo de 2021, começamos então a planejar nossas ações antes mesmo do início das aulas, em nossas reuniões semanais (todas às terças, das 16h-18h) começamos a planejar nossos próximos passos. Optamos por continuar a movimentar nosso

perfil nas redes, mas iniciamos também o desenvolvimento do projeto que iríamos aplicar no decorrer do programa, após esse período de elaboração passamos então a de fato frequentar as atividades da escola.

Meu projeto, de início, tomava um outro rumo bem diferente do meu atual, mas após o período de inserção, quando passamos a frequentar de fato o cotidiano e as vivências escolares, foi quase impossível não modificar o projeto para as novas coisas que me chamavam atenção na escola. Foi quando casou também de uma disciplina do curso que paguei na época (mais ou menos agosto de 2021) me apresentar textos que dialogavam diretamente com as experiências que o Daura estava me proporcionando.

Por exemplo, em Zitkosk e Hammes (2014) o diálogo estabelecido fala diretamente com as experiências que presenciei no Daura, o PPC da instituição carrega consigo ideias de uma gestão democrática, que pretende impulsionar o(a) jovem a ser protagonista de sua própria história, o preparando para a vida, exatamente como os autores expõem em seu texto como o ambiente escolar deve ser propício para isso, apesar das dificuldades de conseguir dialogar e fazer ser efetiva a formação.

A maior queixa dos(das) jovens, segundo Zitkosk e Hammes (2014) é a falta de uma educação dialógica, que converse com o universo no qual os jovens estão inseridos. Pouco apegados às antigas formas de organização e participação social como partidos e sindicatos, também movidos por uma descrença no sistema, são cobradas novas maneiras de participação, um maior reconhecimento dos(das) jovens como sujeitos que possuem experiências e saberes.

Lendo estes textos em casa, me pegava durante as aulas e reuniões pensando em como a escola faria pra, durante a pandemia e o período remoto, dar continuidade na formação cidadã dos(as) estudantes, seria possível fornecer tal formação em um período de tanta evasão escolar, câmeras e microfones desligados e baixa pouca interação social?.

Início de um projeto: Uma análise da formação cidadã em tempos de pandemia.

Analisando o cenário, enxerguei um campo possível para observação e passei a perceber pontos específicos nos quais eu poderia focar minha análise e que me ajudariam na

pesquisa. Até então, participava das atividades ainda sem me encontrar exatamente na pesquisa, sem saber pra onde olhar, entrar em contato com os textos e enxergar aquele universo teórico na minha frente me deu sentido novamente.

Passei então a observar atividades, ações e propostas que a escola tinha no formato presencial e que continuaram ou tiveram que ser interrompidas, durante a adaptação ao modelo remoto. Logo de início, uma atividade que me chamou atenção foi a web-rádio, que mesmo após queixas de nossa preceptora sobre a saída de alguns participantes ainda continuou funcionando mesmo no período remoto, algumas meninas (salvo engano do 2º e 3º ano) ainda movimentavam a rádio, algo que me ligou diretamente com textos como de DAYRELL; GOMES E LEÃO; "Escola e participação juvenil: é possível esse diálogo" (2010), onde é evidenciado o interesse e necessidade intrínseca aos(as) jovens de espaços de participação desde o contexto escolar até o âmbito social como um todo, jovens se inserindo em diferentes contextos e espaços, criando por si só maneiras de participação social que os proporcionem voz e espaço para ação.

Era interessante observar como a escola se esforçava, apesar das dificuldades, o modelo inacessível a alguns estudantes, até mesmo professores que tinham dificuldades de acesso, mas tentavam continuar oferecendo espaços para atividades e participação de todos(as), atividades como líderes de turma, acolhimento de novos estudantes, as atividades de projeto de vida, e até uma formação que aconteceu remotamente pelo Youtube e reuniu líderes de turma de toda a rede de escolas técnicas integrais do nordeste, uma participação enorme de estudantes de toda a rede, todos esses espaços de formação cidadã que continuaram ou passaram a ser oferecidos no modelo remoto, como meio de dar continuidade a formação dos discentes.

O projeto então passou a ser “Juventude, educação e pandemia: A articulação de jovens, dentro do contexto escolar, frente à pandemia da covid-19”, que traz consigo a intenção de analisar mais de perto a transição da formação cidadã oferecida pelo Daura, antes no formato presencial, e agora com sua adaptação (e tudo que isso implica) ao modelo remoto.

Percalços no caminho.

Durante nosso período de inserção na escola, o contato com o cotidiano, com o trabalho executado no Daura Santiago, foi o período em que me atentei para uma outra possibilidade de projeto. Minha temática anterior, que pretendia trabalhar com as escolas e ferramentas digitais, perdeu o foco quando entrei em contato com a formação cidadã executada no Daura. Passei então a dedicar meu projeto a uma análise da formação cidadã em contexto remoto. Os primeiros passos foram dados logo após nosso período de re-elaboração dos projetos, na volta das férias no meio do ano de 2021, percebendo com mais ênfase o foco da análise, pude direcionar melhor meu olhar para as atividades de formação que dialogavam com meu projeto.

A perspectiva de formação cidadã aqui pensada dialoga diretamente com a que está presente no PPP da escola, como Savianni coloca “quando dizemos que queremos uma escola que prepare os indivíduos para o exercício da cidadania, estamos dizendo que queremos uma escola que forme indivíduos autônomos, capazes de iniciativa, o que implica que sejam conhecedores da situação para poderem tomar decisões, interferindo ativamente na vida social.” (Savianni; pag 654; 2017). Tal perspectiva de formação dos(das) estudantes para a participação social se encontra presente no plano da escola, e também visível em suas ações e atividades de formação realizadas, uma das que me deparei foi a disciplina de projeto de vida, que dialoga com os discentes acerca de seu futuro após o ensino médio, estimulando a formação de planos e o preparando para o mercado de trabalho e a participação nas questões sociais que lhes cabem.

Apesar das tentativas de continuar oferecendo uma formação cidadã, os espaços de protagonismo e as ferramentas necessárias para a formação dos(das) estudantes, o contexto em que nos encontrávamos limitava as ações que poderiam ser tomadas por parte das escolas.

O próprio modelo remoto limitava o acesso dos discentes, o que acabou por causar um aumento no índice de abandono, as câmeras desligadas, a baixa participação, foram também alguns dos problemas que se podiam enxergar. A pesquisa do projeto passou então a analisar esses percalços e a insistência da escola na continuidade da formação cidadã dos(das) estudantes, tendo em vista o contexto de pandemia e o modelo remoto no qual a instituição estava inserida. Como exposto por (DAYRELL, GOMES e Leão 2014), é fundamental a

existência desses espaços para que se possa exprimir dos(das) jovens suas capacidades, desistir de um enfoque na formação cidadã seria tolher toda a força e necessidade de participação existente nos estudantes.

A ideia do projeto passou portanto por uma tentativa de analisar a formação cidadã no contexto pandêmico, e junto a isso tentar oferecer uma ação de extensão que pretendia criar espaços de conversa que seriam de início organizados por mim junto a nossa professora e os próprios discentes, com temas e atividades que dialogassem com eles. A ideia era que esse espaço se tornasse um ambiente organizado e protagonizado por eles, em torno de suas pautas e de suas demandas, seria a tentativa de trazer de volta espaços de conversa íntimos e seguros que se perderam com a retirada do modelo presencial. Em um questionário aplicado através de um formulário no google e disponibilizado aos(as) estudantes, já no fim da pesquisa devido aos imprevistos ocorridos durante o Programa e detalhados mais a frente, a grande maioria respondeu como foi significativa a perda destes espaços, e como as ferramentas que substituíram (whatsapp, Instagram, alguns apontaram também o discord) não eram tão seguros e confortáveis como antes.

Desenvolvimento do projeto e paralisação das atividades.

Na volta das férias do meio do ano de 2021, começamos então a iniciar nossas ações dos projetos, comecei os contatos com professores(as) e estudantes na tentativa de sondar mais informações acerca de como andavam as atividades, consegui, em contato com o professor de história, participar de duas aulas de história com o 1º e 2º ano, onde durante o encontro consegui estabelecer um diálogo junto aos estudantes e elaborei um questionário semi-estruturado, que guiaria nossa conversa.

Apesar da baixa interação, a timidez e as câmeras desligadas, nosso encontro fluiu sem imprevistos, consegui algumas informações como a dificuldade dos(as) estudantes em participar das atividades oferecidas pela escola, as obrigações da vida pessoal por vezes impossibilitava que alguns deles(as) participassem mais frequentemente e algumas outras percepções passadas por eles(as) que somaram a pesquisa.

Nas semanas após os encontros com as turmas (final de agosto-2021), segui tentando marcar novos encontros, com o 3º ano e também com os líderes de turma, outro grupo entre os estudantes que movimentavam as atividades de formação na escola, porém no decorrer do período, em setembro de, fomos surpreendidos com um corte nas bolsas provocado por uma ação no congresso, que encaminha os pagamentos de bolsas de graduação para uma comissão de votação. Frente aos cortes, diversos estudantes que participavam de programas como PIBID e residência pedagógica foram colocados em situação de extrema vulnerabilidade e as demandas passaram a também impedir que os estudantes se dedicassem inteiramente ao estágio, como no meu caso, tive que procurar outro emprego como maneira de complementar a renda e suprir a falta causada pelo atraso das bolsas.

Após um mês sem receber, nós estudantes participantes dos programas do PIBID e Residência Pedagógica (RP) nos articulamos nacionalmente e começamos a organizar quais seriam nossas ações frente ao ataque que estávamos sofrendo, não havia condições de dar continuidade com as atividades do programa tendo em vista as demandas do curso e da vida pessoal. Foi quando então, em uma assembleia nacional organizada virtualmente entre os participantes dos Programas PIBID e RP de todo o país, durante setembro e outubro de 2021, escolhemos representantes dentro dos núcleos dos programas, inclusive fui nosso representante durante a primeira assembleia, votamos e decidimos pela paralisação das atividades de ambos os programas, optando pelo retorno apenas quando a situação dos pagamentos das bolsas fosse regularizada, coisa que só aconteceu 3 meses após a paralisação.

A pausa nas atividades desarticulou completamente os projetos que tínhamos em mente e que já tínhamos começado a pôr em prática, o cronograma que havia elaborado foi quebrado e não consegui dar continuidade às atividades, devido a paralisação, os encontros que pretendia realizar não aconteceram, a dificuldade de conseguir marcá-los se alinhou a paralisação, o que interrompeu o ciclo de atividades que pretendia realizar com o projeto. Quando voltamos, já em dezembro, estávamos bem no fim do período letivo na escola, não havia mais aulas e só conseguimos participar de algumas reuniões, como a de encerramento do ano letivo e os conselhos de aprovação dos estudantes pendentes. As entrevistas foram interrompidas, não consegui dar continuidade a articulação das rodas de conversa, porém a pesquisa precisava continuar.

Voltando às atividades e finalizando o período de análise.

Voltando no ano de 2022, morosamente, retomamos nossos projetos, com mais necessidade de adaptações e reformulações na tentativa de encaixar novamente com o ritmo de mais um início de ano letivo na escola. Desta vez, nosso prazo mais encurtado exigia agilidade em nossos projetos, como não havia conseguido articular no ano anterior, com o pouco tempo seria inviável conseguir organizar a roda de conversas, porém como a pesquisa já estava encaminhada, terminei minhas análises aplicando um questionário junto aos(as) estudantes.

Durante esse período inicial, conseguimos participar de mais algumas atividades na escola, uma delas (e muito especial) foi a atividade de acolhimento que dessa vez aconteceu presencialmente, era também o período de retomada das atividades presenciais, muita incerteza rondava esse período e participar desta ação foi super relevante, principalmente para observar de perto a ação dos(as) estudantes protagonistas e líderes de turmas.

Com a entrada de novos(as) estudantes, mais um espaço aberto para a ação e formação protagonista é o acolhimento, são quando estudantes veteranos recebem os(as) novos(as) ingressantes do primeiro ano e também aqueles que estão indo para um novo ciclo em uma nova série. Considero esse dia especial, pois apesar de já ter observado antes através das atividades da rádio, das participações dos(as) estudantes em atividades de formação, o interesse deles(as) em participar dos espaços oferecidos, era notório como o modelo remoto limitava essa possibilidade de participação, portanto apesar da escola se esforçar em dar continuidade a formação e oferecer os espaços, e dos estudantes quererem ocupá-los, os limites impostos pela pandemia como a dificuldade de acesso a internet, a materiais como computador, celular etc, a necessidade de participar de outras atividades pessoais em casa, entre outros, eram fatores que impediam a participação.

Durante o acolhimento, foi possível perceber a articulação dos(se) estudantes entre si, a desenvoltura em lidar com colegas da mesma faixa etária e de conseguir conduzir de maneira super organizada as atividades elaboradas para o acolhimento, o respeito mútuo, até uma maior participação das atividades desenvolvidas no dia, diferente das que aconteciam durante as aulas remotas.

Fiquei surpreso com o espaço e autonomia oferecidos pela escola aos(as) estudantes, na sala apenas 3 líderes acolhiam a turma do 2º ano (com mais ou menos 30 estudantes distribuídos em duas salas) e eu de espectador observava as atividades e também fui convidado a participar de algumas. Foi lindo ver como as meninas guiavam bem as atividades e como o restante da turma respeitava e participava por conta própria, a articulação existente entre eles(as) provava como os jovens podem e devem se apropriar de espaços seus e em torno de suas pautas e demandas, exercendo desde cedo seu poder de decisão e o protagonismo de suas escolhas. Em “Escola e participação juvenil, é possível esse diálogo?” os autores apontam: “Esses dados podem nos indicar um possível campo de ação para as escolas públicas, uma vez que os jovens se mobilizaram em torno de questões que podem se constituir em um possível canal de diálogo com a comunidade.” (Dayrell, Gomes e Leão; 2010, pag 241/242). O Daura, tem dentro o seu corpo estudantil, residentes das comunidades existentes ao redor da escola, o que torna a instituição, junto com suas atividades e espaços oferecidos, um ambiente propício para a construção dessa ponte com a comunidade ao redor, e a formação dos(as) estudantes para uma participação ativa nas atividades de melhoria para seu bairro, que como já citado anteriormente, Dayrell, Gomes e Leão (2010) apontam como uma atividade que parece dialogar mais com os interesses e a disponibilidade dos(das) jovens.

No fim, houve um momento no pátio onde alguns estudantes se apresentaram com danças, momento super descontraído, acompanhados pela coordenadora e pelo gestor da escola, fez mostrar como o fator presencial é imprescindível para a resolução de problemas como a baixa participação e limitações impostas pela falta de acesso ao modelo remoto, como a abertura de espaços oferecem possibilidades que raramente são oferecidas, e como faz diferença momentos como esse onde o jovem entra em contato com a organização e responsabilidade ainda em sua formação, uma preparação que sem dúvidas fará diferença em sua futura vida profissional, e que com certeza já impacta suas vivências pessoais no cotidiano.

Após o levantamento feito durante o ano de 2021, momento sem as aberturas de 2022, com todas as atividades ocorrendo no modelo remoto, foi onde mais pude perceber as atividades desenvolvidas no Daura, como Zitkosk e Hammes (2014) expõe, a falta de participação dos jovens em espaços de autonomia e tomadas de decisão também tem a ver com a falta de espaços oferecidas, e junto a pandemia, apesar do esforço da escola em dar

continuidade com os espaços e as atividades, a inacessibilidade do modelo remoto dificultava muito a formação e participação dos(as) estudantes.

Apesar das dificuldades de participação, como reforçado por Zitkosk e Hammes (2014), está presente nos jovens a necessidade de participação social, o que se mostrou, ao meu ver, tanto nas atividades ao longo do período remoto, onde apesar das dificuldades, os(as) estudantes continuaram a tentar ocupar os espaços de protagonismo oferecidos, como também no questionário aplicado por mim, na segunda semana de março, quando através do google forms elaborei um questionário com algumas perguntas e entrando em contato com os(as) coordenadores(as) e com professores(as) da escola tive um acompanhamento para adequar as questões tanto ao tema e normas necessárias, como ao contexto da escola e dos(as) estudantes a quem iria aplicar.

Em contato com nossa preceptora, me foi fornecido o contato de uma líder de turma, que havia conhecido no dia do acolhimento, com ela consegui auxílio para divulgar e acessar com mais facilidade todos(as) os(as) estudantes, já que se tratava de uma líder de turma e que tinha bastante aproximação com os demais colegas. Deixei a última semana antes da entrega do trabalho, como tempo para resposta dos estudantes, apesar de não haver mais tempo para desenvolver as atividades de extensão que pretendia, com as rodas de conversas etc, conseguir mapear o interesse dos(as) estudantes em participar de tais espaços me ofereceria um panorama maior, além das observações, acerca da viabilidade de tal atividade e conseqüentemente da efetividade da formação no Daura, que para além de minha proposta, oferecia diversos outros espaços de participação.

Após uma semana, recolhi as respostas e analisei o questionário, como esperava obtive pouca participação de estudantes e percebo como isso é reflexo muito mais do modelo tecnológico e da dificuldade de participação em atividades e ações remotas, do que por uma real falta de interesse por parte dos(as) estudantes. O que me assegura isso é o resultado do questionário, que do total de 9 participantes que responderam, apesar da maioria responder que nunca participou de uma atividade como a proposta, a maioria também tinha sim interesse em conhecer e participar do espaço, ou seja, seria ocupado de todas as formas, as atividades presenciais de acolhimento somam a minha impressão visto a alta participação dos(as) estudantes nas atividades presenciais, mesmo não sendo obrigatória a participação.

Dayrell, Gomes e Leão (2014) mostram como em suas pesquisas houve uma tendência em relacionar as atividades de participação social e política a vida adulta, o que

aponta um grau de baixo conhecimento sobre participação política e a vida adulta, mas parece ser também resultado de um baixo estímulo e abertura de espaço para participação.

6- Tem interesse em participar de uma roda de conversas?

10 respostas

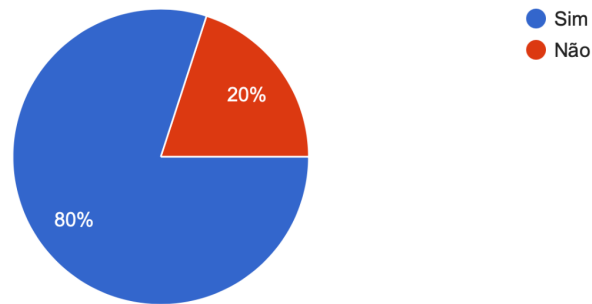


Imagem 1: Gráfico 6

Fonte: Aatoria Própria

7- Já participou de uma atividade assim antes?

10 respostas

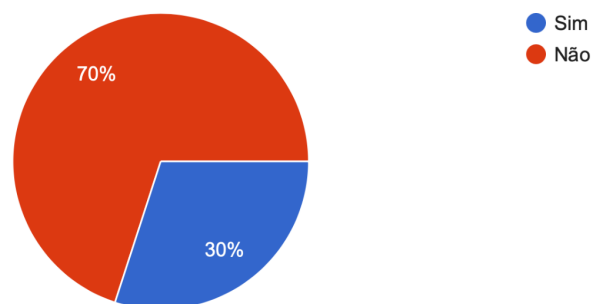


Imagem 2: Gráfico 7

Fonte: Aatoria Própria

Conclusão.

Após todo o período vivenciado, depois de já ter centralizado a pesquisa e o objetivo, consegui focar melhor sobre a temática e pude observar a trajetória de adaptação ao modelo

remoto, mas também o período de início da volta ao modelo presencial. Como mencionado, a participação na atividade de acolhimento do período letivo de 2022 gerou um impacto muito forte em minhas observações.

Após a longa trajetória observada virtualmente durante o ano de 2021, percebi as tentativas e ferramentas utilizadas pela escola como maneira de dar continuidade à formação cidadã dos estudantes, a continuação de atividades de formação que aconteciam anteriormente e que continuaram, mesmo que adaptadas ao modelo remoto, também as matérias eletivas e clubes, como a web-rádio, são todos espaços e ferramentas utilizadas pela escola na tentativa de não interromper a trajetória formativa dos estudantes.

Pude perceber então, como mesmo com esses espaços e possibilidades, o contexto social, a falta de acessibilidade, o desânimo com a vida escolar, a baixa interação e estímulo de participação, são alguns dos motivos que provocaram uma interferência negativa na formação cidadã dos estudantes durante o período remoto. Apesar de todo o esforço por parte da instituição, acredito que há situações para além da escola e de suas possibilidades de ações, que interferem na vida escolar dos estudantes e que podem atrapalhar sua formação.

É possível perceber como está presente nos estudantes a vontade de participar e de se movimentar, de ser realmente protagonista das ações e de se sentir inserido nos meios de decisão e de participação social. No questionário aplicado, a maioria votou que teria interesse em participar de uma roda de conversas, mesmo votando depois que nunca havia participado de uma atividade assim antes, a necessidade de participação dos espaços está presente, porém, é necessário possibilitar as condições que viabilizem tal participação, e essa tarefa não pode ser cumprida por setores únicos como a educação, como DAYRELL, GOMES e Leão (2010) também mencionam em seu trabalho, o contexto fora dos muros da escola também influenciam diretamente na formação dos estudantes que ali frequentam, e essa relação, que deve ser de ajuda mútua, entre a instituição de ensino e a comunidade, foi uma rede que foi diretamente impactada durante a pandemia e que tiveram suas relações distanciadas, a baixa participação dos pais nas reuniões (explicada por vezes através dos horários que coincidem com o trabalho dos responsáveis) aponta esse dado.

Essa relação precisa ser fortalecida, os setores educacionais e a população são uma via de mão dupla que impactam mais diretamente na formação dos jovens e que podem ser protagonizadas por eles(as), a depender dos espaços e oportunidades que lhes são oferecidos (Dayrell Gomes e Leão, 2010). Apesar que ambos também dependem de subsídios do

governo para que seja fornecida também uma boa estrutura para a formação dos estudantes e para a possibilidade de ação destes(as) em seus bairros de origem, estrutura essa que se tinha no Daura, não em medidas exorbitantes, mas nas duas visitas que fizemos a escola, pudemos observar sua estrutura que pode se dizer bem equipada, com quadra, anfiteatro, refeitório, ar-condicionado nas salas e um espaço físico na escola com os equipamentos que movimentam a rádio presencialmente na instituição, portanto, apesar de suas necessidades específicas, há uma boa estrutura para se trabalhar, e o empenho é perceptível quando se presencia espaços como o de acolhimento, as reuniões de líderes, ou até mesmo nos momentos de descontração fora de sala (como a apresentação de dança ao término do acolhimento), são exemplos de espaços onde se observa a formação sendo posta em prática, a desenvoltura, articulação e organização dos estudantes não deixa mentir, eles são sim donos de suas pautas e precisam ocupar os espaços de atuação, seja qual for os que lhes ofereçam.

Percorrer esta trajetória no Programa e entrar em contato com as experiências de minha futura profissão, abriu um novo olhar, sem dúvidas mais amadurecido, do que é a educação e principalmente a educação pública no Brasil. Observar de perto as estratégias e ações da instituição escolar e de seus agentes, expõe muito diretamente a realidade vivenciada, os percalços e a maneira orgânica como se dá a o processo educacional, de um lado a ânsia presente nos estudantes em ocupar espaços que lhes são direito e legítimos, como presente na bibliografia em que me apoiei durante o Programa, e de outro a escola se desdobrando para oferecer tais espaços e superar as limitações de infraestrutura e do contexto dos(as) estudantes também.

É inevitável não sair renovado de tal experiência, as atividades de formação oferecidas por nossos(as) coordenadores(as), somado às experiências em salas (mesmo que virtuais) do cotidiano escolar, foram também um aprendizado conquistado no curso e executado dentro do Programa. É de extrema relevância a experiência empírica e realista de nossa profissão durante nossa formação, a quebra da formação apenas teórica e a experiência prática, o contato com os(as) agentes escolares e as realidades diversas ali presentes, a educação além de uma atividade construtiva e transformadora de realidades, nos molda também como seres humanos e possibilita um olhar diferente para o contexto social existente.

Referências:

ZITKOSKI, Jaime José; HAMMES, Lúcio Jorge; Juventude, educação e cidadania: os desafios da participação social e política; Porto Alegre; Revista Debates; v.8; 2014.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino; LEÃO, Geraldo; Escola e participação juvenil: É possível esse diálogo?. Educar em Revista; Curitiba; Editora UFPR; 2010.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez; RAMALHO, Bárbara; Jovens-Adolescentes egressos de uma educação integral: a construção de atitudes e valores; Educação em revista; v.31; Belo Horizonte; 2015.